



UC/FPCE_2017

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**“Porquê a mim?” - O *bullying* em perspetiva:
análise qualitativa da violência entre pares em
jovens do 3.º ciclo do ensino básico**

Adriana Rodrigues Pinto Cerqueira
(diicg2@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação,
Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação do
Professor Doutor Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira

“O inferno são os outros”

(Jean Paul Sartre)

“Porquê a mim?” - O *bullying* em perspetiva: análise qualitativa da violência entre pares em jovens do 3.º ciclo do ensino básico

Resumo

Esta dissertação pretende apresentar uma perspetiva realista daquilo que é a violência em contexto escolar; para tal o conceito de *bullying* é desmontado e caracterizado, sobretudo em termos de tipologia e intervenientes.

Depois de falar do fenómeno de *bullying*/violência em contexto escolar, é apresentada uma análise qualitativa de cinco casos reais (testemunhos dados por alunos da mesma escola, todos eles vítimas e com histórias diferenciadas), comparando-os com o que podemos encontrar na bibliografia relativa ao tema. As histórias dos jovens englobam quase todos os tipos de *bullying*, como *bullying* físico, *bullying* psicológico e até *cyberbullying*, sendo que as designações podem diferir de autor para autor.

É um estudo que pretende destacar-se pela sua natureza qualitativa, almejando contribuir para a investigação nesta área, tanto a nível empírico, como prático, nomeadamente na intervenção em contexto escolar. Pretende-se que as informações aqui presentes possam ter utilidade na prevenção de casos de violência escolar e na sua identificação e que as histórias narradas pelos jovens participantes possam sensibilizar todos aqueles envolvidos em situações deste género.

Os resultados estão de acordo com a literatura relativa ao tema, com destaque para as características apontadas aos agressores, para as formas de agressão mais frequentes, físicas ou de carácter mais indireto, e também para os tipos de *bullying* associados a cada género (muito concretamente, rapazes associados ao *bullying* físico e raparigas ao *bullying* psicológico).

Palavras chave: *bullying*; contexto escolar; pressão dos pares; violência entre pares; estudo qualitativo.

“Why me?” – Bullying in perspective: qualitative analysis of violence among peers in middle school students

Abstract

This thesis aims to present a realistic perspective of what violence in school context is; to do so the concept of bullying is disassembled and characterized, mostly in terms of typology and stakeholders.

After talking about the bullying/violence in school context phenomenon, it is presented a qualitative analysis of five real cases (records given by students of the same school, all of them victims and with different stories), comparing them to what may be found in the literature relative to the topic. The young people's stories include almost all types of bullying, such as physical bullying, psychological bullying and even cyberbullying, knowing that the names may differ depending on the author.

This is a study that intends to stand out for its qualitative nature, aiming to contribute to the investigation in this field, both empirically and at a practical level, namely in the intervention in school context. It is intended that the information presented here may have utility in the prevention of cases of school violence and in its identification and that the stories told by the young participants may raise awareness among all those involved in situations of this type.

The results match the related literature, with emphasis on the features pointed to the bullies, the most frequent ways of aggressions, physical or more indirect, and also on the types of bullying associated with each gender (specifically, boys associated with physical bullying and girls with psychological bullying).

Key Words: bullying; school context; peer pressure; peer violence; qualitative study.

Agradecimentos

Terminando este ciclo e concluindo este trabalho, só poderia deixar uma palavra de gratidão ao Professor Doutor Joaquim Armando Ferreira, orientador desta investigação, pelo enorme voto de confiança e pela oportunidade de realizar um desejo antigo – trabalhar o meu tema de eleição, no meu local de eleição e com o meu método de eleição. Por tudo isso, obrigada!

À dra. Margarida Soares, que sempre se disponibilizou a apoiar-me em tudo. Foi excecional a forma como me acolheu e como pôs ao meu dispor todos os meios para que pudesse chegar onde queria e precisava. Com ela aprendi tanto e não poderia estar mais grata!

Aos meus familiares e amigos: de diferentes formas, todos contribuíram para que eu chegasse até aqui. Entre lágrimas e sorrisos, presentes ou distantes, cada um à sua maneira; cada um com o seu sorriso; cada um com o seu abraço; cada um com a sua reprimenda; cada um com o seu amor e com a sua amizade.

A todos os que acreditaram em mim e nunca me deixaram desistir e até aos que chegaram a duvidar e, por isso, me fizeram trabalhar ainda mais para provar que era capaz de tudo o que quisesse. Não conheço as palavras certas para lhes agradecer, mas há o sentimento certo para com cada um deles.

Índice

Introdução.....	8
Bullying	9
Formas de Bullying	10
Intervenientes.....	11
Consequências	14
Método.....	15
Narrativas.....	17
X – “Farto da vida...”	17
Y – “Ainda vou passar-lhes a perna!”	18
Z – “Agora sou livre!”	20
A – “Agora encaro-os!”	22
B – “Às vezes doía...”	22
Análise e discussão dos resultados	23
Conclusão	25
Referências Bibliográficas.....	26
Anexos.....	28
Anexo 1 – Pedido de Colaboração	28
Anexo 2 – Pedido de Colaboração	29
Anexo 3 – Pedido de Colaboração	30
Anexo 4 – Pedido de Colaboração	31
Anexo 5 – Pedido de Colaboração	31
Anexo 6 – Guião entrevista semiestruturada.....	32

Introdução

A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) postulou, em 1959, na Declaração dos Direitos da Criança, que a criança tem o direito de crescer e se desenvolver de forma saudável e o direito à educação num ambiente que promova o seu desenvolvimento moral e social; tem ainda o direito de ser protegida em qualquer meio e de qualquer ato de discriminação, seja este de que cariz for. O mesmo órgão havia já proclamado, no ano de 1948, a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Este documento prevê que todos os Homens interajam em fraternidade, em igualdade, em liberdade e em segurança e enfatiza a ideia de que a educação, à qual todos têm direito, deve permitir e promover o desenvolvimento da personalidade da pessoa.

Para que os jovens cumpram com o que é esperado deles na escola (isto é, bons resultados e desenvolvimento académico, mas também pessoal – formação e preparação de bons cidadãos), é necessário assegurar que se sintam confortáveis e seguros nesse espaço, meta que fica comprometida por situações de humilhação e de agressividade, onde os alunos sentem medo, vergonha, angústia, ou qualquer outra emoção negativa.

A escola é, provavelmente, o contexto mais frequente de ocorrência de violência juvenil e a violência escolar é um problema de domínio público, mas também de saúde pública, com impacto a nível pessoal e social, até porque, dizem Sebastião e colaboradores (2003), a violência na escola se enquadra num panorama maior, que é a violência em geral (ou seja, também noutros contextos) no mundo ocidental; não implica apenas os envolvidos, mas também acarreta consequências a nível de outros contextos, seja o familiar, o escolar, o social, entre tantos outros (Carneiro & Figueiredo, 2012; Freire, Alves, & Campo, 2003; Lopes Neto, 2005).

Cardoso, Graça e Amorim (2015), relativamente a alunos do 3.º ciclo de escolaridade em escolas do norte do país, constataram que 61.6% dos jovens participantes no seu estudo se identificaram como já tendo sido vítimas de *bullying* e 56.7% referiram já ter sido agressores. Num estudo realizado por Carvalhosa, Lima & Matos (2002), com uma amostra representativa das escolas nacionais e com alunos com idades compreendidas entre os onze e os dezasseis anos, verificou-se que 47.4% dos alunos tinham sido sujeitos a situações de *bullying*; o mesmo estudo mostra também que 36.2% dos alunos já tinham provocado ou agredido alunos mais novos ou com menos

força. Os mesmos autores referem um estudo de Pereira (1994), também com concelhos do norte do país, cujos resultados apontaram para que 73% das crianças já tivessem sido agredidas ocasionalmente e 5% muitas vezes.

Urge que este deixe de ser um problema facilmente ignorado, desvalorizado; importa que se deixe de olhar para o lado perante este tipo de situação, que se denuncie e que se promova a denúncia; é fundamental o desenvolvimento de programas de intervenção, de medidas de prevenção, de sensibilização, para que se evitem as consequências, que recaem não só sobre a vítima, mas sobre os seus vários contextos, e não só imediatas, mas também a longo prazo.

Bullying

Dada a sua amplitude, o termo *bullying* não permite a existência de uma tradução direta em vários países, entre os quais Portugal (facto constatado na Conferência Internacional Online “*School Bullying and Violence*”, em 2005) (Lopes Neto, 2005), no entanto, a sua caracterização é comum à diversidade de autores. Almeida (1999) (in Sebastião, Alves, & Campos, 2003) relaciona o termo *bullying* com abuso de colegas, violência na escola e intimidação. Assim, podemos definir uma situação de *bullying* como o conjunto de comportamentos e atitudes agressivas, de carácter permanente (isto é, repetido ao longo do tempo), com o intuito de causar dor e/ou sofrimento, sem que as agressões tenham sido desencadeadas por um motivo lógico/plausível/evidente, ou seja, sem que tenha ocorrido provocação (Cardoso, Graça, & Amorim, 2015; Carneiro & Figueiredo, 2012; Lopes Neto, 2005; Matos & Gonçalves, 2009).

As ações agressivas podem ser praticadas por um só indivíduo, ou por um grupo, o mesmo se aplicando ao alvo das mesmas – poderá existir uma vítima (individual), ou um grupo a quem se dirigem as agressões (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002). Por norma, o *bullying* acontece dentro de um desequilíbrio de poder, que pode derivar da estatura, força, idade, ano de escolaridade, maturidade (física e/ou emocional), entre outros fatores, representando, assim, uma declaração de domínio sobre quem se pensa ser mais fraco (Lopes Neto, 2005; Matos & Gonçalves, 2009).

Formas de *Bullying*

Matos e Gonçalves (2009) distinguem três tipos de *bullying*, sendo eles (1) o físico ou direto, que abrange agressões físicas, como empurrões, pontapés, socos, mas também ameaças, furtos e uso de armas, o (2) psicológico, que se baseia em insultos, comentários trocistas, provocadores ou sarcásticos e o (3) indireto, que passa pela exclusão da vítima, levando ao seu isolamento e solidão.

Já Carvalho, Lima e Matos (2002) consideram a distinção entre *bullying* físico, verbal e psicológico. É também esta a distinção realizada por Freire, Simão, & Ferreira (2006); as autoras consideram, de forma geral, o físico como abrangendo agressões físicas, furtos ou dano de propriedades da vítima, o verbal abrangendo ameaças e provocações e o psicológico abrangendo rumores e exclusão. Também Abrunhosa e Leitão (1980) referem que o silêncio e o ignorar o outro podem ser utilizados como forma de o atacar, na medida em que transparecem desinteresse e indiferença; nas palavras de Albert Collette, “há silêncios de menosprezo” (Abrunhosa & Leitão, 1980).

Para além dos tipos enunciados, podemos ainda falar de *bullying* direto e indireto; o primeiro diz respeito ao ataque direto às vítimas, como agressões/violência física, alcunhas colocadas, insultos, ameaças, furtos, entre outros; o segundo diz respeito a formas menos diretas, como a exclusão da vítima e a difamação (Lopes Neto, 2005; Matos & Gonçalves, 2009). As agressões mais praticadas nas escolas portuguesas, dizem Matos & Gonçalves (2009), passam, pelos insultos verbais, boatos, piadas e comentários de teor sexual e pela exclusão do grupo de pares; Freire et al. (2006) falam em chamar nomes, agressões físicas e ameaças.

No entanto, há outras e novas formas através das quais se podem manifestar e ocorrer as agressões, pressões e humilhações entre jovens. Importa, assim, mencionar o *cyberbullying*, beneficiado pela facilidade de acesso às tecnologias da informação e comunicação. O *cyberbullying* acontece, segundo Bill Belsey (*in* Lopes Neto, 2005) quando se recorre às tecnologias da informação e comunicação para levar a cabo as atitudes agressivas, o que pode acontecer através de mensagens, fotografias, comentários em redes sociais, entre outros meios, como por exemplo, o acesso à conta pessoal da vítima e alteração da sua informação pessoal (Carneiro & Figueiredo, 2012), de forma a humilhar a vítima, difamando-a ou fazendo com que outros gozem com ela.

Associado ao *cyberbullying* surge o *cyberstalking*, que consiste na perseguição a alguém sob a forma de assédio e contactos continuados, ao ponto da situação se tornar desconfortável e indesejada, mesmo que numa fase inicial aconteçam abordagens aparentemente inofensivas e até carinhosas/afáveis/românticas (APAV, 2013).

Há ainda a ter em conta uma outra forma de *bullying* relativamente recorrente – o *bullying* homofóbico. A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2013) caracteriza o *bullying* homofóbico como uma forma de *bullying* baseada no preconceito face à orientação sexual ou identidade de género da vítima. Este tipo de violência pode manifestar-se através de qualquer um dos tipos de *bullying* já referidos e pode passar por ameaças, comentários e/ou piadas de cariz sexual ou homofóbico, difamação e exclusão social, por exemplo. A este nível, há evidências de que, nas escolas portuguesas, são os rapazes a constituir a maioria das vítimas; surgiram também associados a esta forma de *bullying* três fatores, que se traduzem em três tipos de agressões, sendo eles a violência psicológica, a violência física e sexual e, ainda, o *cyberbullying*, sendo a mais frequente a primeira (António, Pinto, Pereira, Farcas, & Moleiro, 2012).

Intervenientes

A propósito dos adolescentes, Relvas (1996) fala da necessidade destes de afirmar o seu poder. A autora incide no contexto casa e família, mas faz uma abordagem breve ao contexto escolar e ao grupo de pares; é então que salienta a importância do grupo de pares nesta faixa etária como um meio relacional, fornecedor de fatores positivos como a segurança, o apoio, a fraternidade, a intimidade, o companheirismo, mas também como um espaço de afirmação e de competição (Papalia, Olds, & Feldman, 2001; Relvas, 1996). Isto porque, quando inseridos num grupo, há tendência para ampliar o nosso estatuto social, o que pode passar pelo desejo de dominar o outro. Autores como Adler e Maslow caracterizavam esse desejo como a vontade daquele que o tem enraizado compensar a falta de segurança em si ou a perceção de inferioridade do próprio (Abrunhosa & Leitão, 1980).

Resultam destas relações os papéis e os valores sociais (Relvas, 1996). Daqui

decorre a identificação e caracterização dos intervenientes neste tipo de situação, que se podem classificar como agressores, vítimas ou testemunhas/observadores.

Os agressores são descritos como tendo necessidade e gosto/satisfação pelo poder, liderança e controlo, sendo, geralmente, impulsivos e apresentando algum tipo de superioridade sobre a vítima (por exemplo, a nível de estatura, força ou idade) (Lopes Neto, 2005; Matos & Gonçalves, 2009). Tendem a estar mais envolvidos em comportamentos de risco para a saúde, como fumar, beber álcool e consumir drogas (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002; Lopes Neto, 2005; Matos & Gonçalves, 2009). Outras características associadas a estes indivíduos são os distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, insucesso escolar, relativa popularidade entre os pares (podendo ser acompanhados de um pequeno grupo) e imagem positiva de si (Lopes Neto, 2005).

Alguns autores falam de condições familiares não benéficas para os jovens, como família destruída, escassez de afetos, falta de controlo dos pais sobre os filhos, ou então formas explosivas/extremas de o demonstrar, atitudes parentais de críticas negativas e desencorajadoras para com os filhos (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002; Lopes Neto, 2005). Já Papalia et al., (2001) haviam relacionado os comportamentos dos jovens com as atitudes parentais, servindo-se de um estudo de Brown e colaboradores (1993) com estudantes do ensino secundário; o estudo referido frisa que o nível de controlo dos pais sobre os comportamentos e as tarefas escolares dos filhos e as iniciativas de tomadas de decisão conjuntas interfere mesmo com o desempenho escolar, a confiança no *self* e o consumo de substâncias tóxicas, que, por sua vez, interferem com a integração no grupo de pares.

São apontadas na literatura diversas características relativas aos agressores e parece mesmo ser consensual o facto de os rapazes estarem mais envolvidos em situações de *bullying* (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002; Freire, Simão, & Ferreira, 2006; Lopes Neto, 2005), tendendo também a representar a maioria dos praticantes de *bullying* físico, ao passo que as raparigas estão mais envolvidas na forma psicológica ou indireta (Freire, Simão, & Ferreira, 2006; Matos & Gonçalves, 2009) – facto que pode influenciar a que a maioria dos praticantes seja identificada como do género masculino.

Quando as agressões partem de um grupo, ou seja, quando não partem de um agressor individual, o agressor mais ativo (ao qual correspondem as características

acima enunciadas), diminui a sua responsabilidade pela agressão, dividindo-a, mas continua a ser aquele que, de forma geral, lidera o grupo e os impele no sentido de procederem às agressões (Lopes Neto, 2005).

Resta ainda dizer que, mesmo que não se encontre um motivo ou uma explicação para que o *bullie* cometa as agressões, a ocorrência destas pode, de certa forma, ser explicada se tivermos em conta que a frustração do agressor está refletida nas suas ações para com a vítima mesmo sem o envolvimento direto desta última. Isto não justifica a agressão, mas pode dar-nos indicações sobre o agressor quanto às suas características e o seu contexto, já que a agressão, para além de direta (ou seja, dirigida contra a origem da frustração), pode ser deslocada, isto é, pode não se dever à vítima, sendo ela apenas o alvo mais fácil da fúria do agressor (Abrunhosa & Leitão, 1996).

Os segundos intervenientes mencionados são as vítimas, que constituem o grupo central deste estudo. Também para este grupo a literatura destaca um conjunto de características, como a timidez e/ou introversão, insegurança, maior sensibilidade, menor auto estima e menor popularidade entre os pares e perceção de uma baixa probabilidade de integração nos grupos (Matos & Gonçalves, 2009); podem não possuir recursos ou habilidades para colocar término à situação em que se encontram. Outros fatores que podem tornar alguém vulnerável a agressões/humilhações passam pela vivência familiar. Ao contrário do que acontece com os agressores, aqui há proteção em demasia por parte da família, o que não promove a autonomia e capacidade de resolução de problemas do sujeito. Por outro lado, existe também a versão oposta, na qual a vítima pode ser criticada com frequência e ser considerada culpada pelas emoções negativas vivenciadas pelos pais. Neste caso, em que o jovem pode ser alvo de críticas quanto às suas atitudes e decisões por parte dos adultos, torna-se difícil que ele denuncie a situação por que passa e peça ajuda (Lopes Neto, 2005).

Um estudo realizado em escolas do norte do país, de Cardoso, Graça & Amorim (2015), mostra que as vítimas de *bullying* têm, para além de uma perceção de qualidade de vida mais baixa que os agressores, um sentido de coerência interna também menor. Isto, e tendo em conta que a existência de recursos internos contribui para o aumento da perceção de qualidade de vida, corrobora o que se pode encontrar na literatura relativa a esta temática no que diz respeito à saúde mental destes indivíduos.

Pode acontecer de um indivíduo ser, simultaneamente, vítima e agressor. Este é tido

como o grupo mais envolvido em comportamentos violentos e de risco (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002) e também como aquele que está sujeito a um risco maior para a saúde mental e para a qualidade de vida, podendo ocorrer psicopatologias com mais frequência, comparativamente aos outros intervenientes (Cardoso, Graça, & Amorim, 2015; Lopes Neto, 2005).

Por fim, há ainda as testemunhas/observadores. As testemunhas podem contribuir para que o agressor afirme a sua liderança, uma vez que conhecem a realidade e não a denunciam. O facto de não denunciarem não significa obrigatoriamente que concordem com o agressor (muitas testemunhas podem até sentir pena das vítimas); pode, sim, significar que existe medo de também elas se tornarem vítimas de agressões por parte do *bullie*. Assim, as testemunhas podem ser observadores, se apenas observarem sem qualquer outro tipo de ação, defensores, caso vejam a situação e chamem ajuda para terminar, incentivadores, se apoiarem o agressor, ou ainda auxiliares, quando cooperam com o agressor nas suas ações (Lopes Neto, 2005).

O facto de uma testemunha assumir o papel de defensor retira poder ao agressor, uma vez que este se sente apoiado quando os outros encobrem ou calam as suas agressões, e pode constituir a iniciativa que, por motivos diversificados, a vítima não conseguia tomar, podendo dar o mote para o ponto final numa situação/caso de *bullying*.

Consequências

Os efeitos das variadas agressões e humilhações de que temos vindo a falar dificilmente são visíveis e claros, ou se o são, poderão ser desvalorizados ou confundidos, uma vez que se tratam de adolescentes; isto porque a adolescência se trata de um período de tempo associado ao desequilíbrio emocional e ao desafio face à sociedade e aos adultos, tendo o humor negativo tendência a aumentar com o decorrer dos anos durante a adolescência (Papalia, Olds, & Feldman, 2001).

Podemos contar entre as consequências o sofrimento emocional/tristeza, o isolamento, ansiedade, irritabilidade, falta de apetite, ocorrência de insónia e sintomatologia depressiva, com existência de sintomas psicossomáticos, como o medo, cefaleia não especificada, dor abdominal, infeções do trato respiratório, entre outros. Outras consequências podem refletir-se no comportamento de risco dos jovens, que

podem apresentar risco de auto e mesmo heteroagressão, problemas a nível social e ideação ou concretização de suicídio. (Carneiro & Figueiredo, 2012; Matos & Gonçalves, 2009).

A nível escolar, poderá ocorrer o abandono ou o baixo rendimento (Matos & Gonçalves, 2009).

A duração destas consequências encontra-se ilustrada no caso relatado por Carneiro e Figueiredo (2012), cujo sujeito retratado foi diagnosticado, em Pedopsiquiatria, com uma perturbação depressiva reativa à violência continuada de que foi alvo em contexto escolar; isto, mesmo após se encontrar afastado da escola por um período de quatro meses. O jovem de quinze anos apresentava ainda elevado sofrimento emocional, recusa em regressar à escola devido ao medo que sentia e risco de auto e heteroagressão, necessitando de tomar ansiolíticos, antipsicóticos e antidepressivos.

Método

O principal objetivo passou pela descrição dos casos analisados, de forma a identificar características comuns às vítimas e, eventualmente, aos agressores/*bullies* (sob o ponto de vista da vítima); o foco principal da dissertação recai sobre as vítimas, de onde se pretendeu extrair traços/características, físicos ou psicológicos, que as tornem, de alguma forma, suscetíveis de sofrer qualquer tipo de humilhação, agressão ou pressão por parte de outros, ou mesmo, que facilitem a sua identificação (isto com vista ao reconhecimento e/ou evitamento da ocorrência de outros casos). Toda esta informação provém da vítima e do que ela narra ao longo da entrevista; quer isto dizer que quando se utiliza aqui a expressão “extrair traços/características”, o único método ao qual se recorre é unicamente o diálogo e a lógica construída por quem passou pela situação.

Para tal, foi elaborada uma proposta de guião; esta proposta constitui uma entrevista semiestruturada (Anexo 6), suscetível de ser alterada a qualquer momento, em função da fluência da mesma e dos contornos que a conversa assumir. Foi criada especificamente para este fim, entenda-se, para ser utilizada como meio de exploração do tema em análise.

O principal objetivo da construção e integração deste conjunto de questões nesta

investigação passa, como já referido, pela descrição de casos particulares de vítimas de *bullying* aquando da sua frequência do 3.º ciclo do ensino básico, de forma a identificar características comuns às vítimas e, eventualmente, aos agressores, na perspetiva das vítimas.

Esta entrevista destina-se a estudantes do 3.º ciclo do ensino secundário que tenham sido alvos de *bullying* no seu 3.º ciclo do ensino básico, que aceitem participar, sempre de forma anónima e com o consentimento dos respetivos encarregados de educação (Anexos 1, 2, 3, 4 e 5).

A amostra de jovens envolvida nesta análise é constituída por cinco participantes, dois de sexo masculino, três de sexo feminino, com idades entre os treze e os dezassete anos, o 7.º e o 12.º ano de escolaridade, de uma escola da região norte. A forma como se chegou até estes alunos foi muito discreta e por indicação de conhecedores dos casos, nomeadamente, pela psicóloga responsável pelo Serviço de Psicologia e Orientação da escola em causa. Após um primeiro contacto com os jovens, onde lhes foram prestados esclarecimentos acerca do trabalho a ser desenvolvido, foram, então, agendadas as entrevistas individuais, preenchidas com esclarecimentos acerca do trabalho a ser desenvolvido e com a entrevista, propriamente dita.

As questões foram redigidas com base na informação que se considerou necessária obter e no sentido de abranger, tanto características relativas à vítima, como relativas ao(s) agressor(es). Quanto à sua organização, encontram-se dispostas por fases, isto é, encontram-se agrupadas de forma a dar resposta a uma sequência pré estabelecida – (1) entidades envolvidas, (2) caracterização/descrição do decorrer da situação, (3) perceção da situação aquando da sua ocorrência e (4) término/desfecho da situação.

O cabeçalho e as questões 1 e 2 destinam-se à identificação da vítima e do agressor quanto ao género, idade e ano de escolaridade; as questões 3 a 6 dizem respeito ao decorrer da situação de *bullying*, nomeadamente quanto à sua duração temporal, espaço de ocorrência, caracterização das agressões e atitude por parte da vítima; as questões 7, a 11 pretendem recolher informação sobre a forma como a vítima entende, ou entendia, a situação, no que concerne às suas características e do seu agressor, bem como a forma como lidou com a mesma (indicativo de estratégias de *coping* e algumas características pessoais), constituindo um grupo de importância central; por fim, as questões 12 e 13 prendem-se diretamente com o desfecho da situação em causa.

A última questão (“13. Essa situação já terminou, ou persiste? Se já terminou, o que fizeste para acabar com ela? Se não terminou, estás a pensar fazer alguma coisa, já estás a fazer, ou precisas de ajuda?”) pretende funcionar como um meio de identificação de casos ainda a decorrer, bem como uma forma de denúncia e/ou pedido de ajuda. No caso de uma resposta que indique que o jovem necessita de apoio, esta informação poderá ser disponibilizada à escola, com vista à resolução do caso.

A par desta entrevista semiestruturada, outras anotações foram recolhidas no decorrer de cada conversa. Essa informação extra entrevista serve de complemento às histórias de cada jovem, podendo ser consultada nas respetivas narrativas.

Narrativas

X – “Farto da vida...”

O primeiro dos quatro sujeitos aqui apresentados é o sujeito “X”. X é um rapaz de dezassete anos que frequenta o 12.º ano de escolaridade. Os episódios que contou referem-se ao período de tempo em que se encontrava ainda no 9.º ano. Ao que parece, desde o 7.º que sofria intimações por parte dos colegas, mas apenas quis falar do 9.º ano em particular, por considerar ter sido o mais marcante. Esta história começa logo no início do ano letivo, com um grupo de cinco estudantes, todos rapazes e da mesma idade (cerca de catorze/quinze anos) e ano escolar, a confrontá-lo fisicamente, apenas dentro do recinto escolar; isto consistia maioritariamente em empurrões, sendo X encurralado pelo grupo, que o rodeava de forma a tornar a fuga difícil.

Perante os atos de ameaça e violência dos colegas, X não respondia, mantendo sempre uma atitude passiva, até porque se encontrava nitidamente em minoria - em número, em tamanho e em força.

Embora nunca lhe tenham dito porque o intimidavam e agrediam, o jovem acabou por depreender que tudo se devia, primeiramente, à sua proximidade com uma rapariga (ou seja, inveja, “ciúmes”) e que se manteve porque ele era “o certinho da turma, bom aluno, bem comportado...”. E apenas estas últimas características enumeradas o fazem acreditar que pode ser um possível alvo para os outros.

Quanto aos agressores, X justifica a sua ação pelo facto de eles constituírem, na altura, “o grupo dos populares”, que queriam “armar-se para as raparigas”, servindo-se

para tal da força e da sensação de poder sobre outros.

Esta situação conheceu o fim apenas na reta final do ano letivo, quando, cansado de ignorar o que estava a viver há meses e “farto da vida” (assim se lembra do que passou), X desabafou com um grupo restrito de três amigos e também com os pais. Foram estes que o aconselharam sobre a melhor forma de lidar com a situação e foram também os pais a dirigir-se à figura do diretor da escola para dar conhecimento daquilo por que o filho passava há já bastante tempo. Nunca nenhum docente ou não docente foi envolvido na história de X para além do diretor, que resolveu o problema de forma eficaz.

Do *bullying* de que foi vítima anteriormente (no 7.º ano de escolaridade), o jovem contou apenas que perdurou até ao 8.º, mas que, contrariamente ao que relatou ao longo de toda a entrevista, nesse caso era uma situação de um para um, o que já lhe permitia defender-se. Também neste caso, e também sendo vítima de um outro rapaz, as agressões eram de carácter físico.

X encontra-se agora satisfeito na sua área de estudos, tendo mantido a sua postura responsável face à escola e aos estudos. É um jovem calmo e discreto, com planos bem desenhados do que pretende fazer com o seu futuro. Contudo, confessa a sua vontade de sair da escola pelas recordações que esta lhe traz todos os dias, mostrando grande mágoa quando fala do que se passou.

Apesar de ter aceite participar nesta investigação muito prontamente, denota-se um certo desconforto quando o assunto “*bullying*” é abordado. Trata-se de um jovem tímido e reservado, com sinais moderadamente visíveis de ansiedade no decorrer da conversa, mas ainda assim com um discurso coerente e cuidado. Considerou muito importante o estudo do tema em questão e revela, tanto no discurso, como na sua atitude e postura, uma angústia alheia por todos os que vivem ou viveram o tipo de situação que ele mesmo ultrapassou.

Y – “Ainda vou passar-lhes a perna!”

O segundo entrevistado começou por ser acompanhado no Serviço de Psicologia e Orientação numa tentativa de melhorar os resultados escolares; o seu encaminhamento chegou no final do ano letivo anterior, pelo que Y acabou mesmo por não transitar para

o ano seguinte, o que o leva a estar agora no sétimo ano pela segunda vez, com treze anos de idade.

Ao início, conta o jovem (e de acordo com o que a psicóloga que o recebeu transmitiu), o motivo do encaminhamento de Y prendia-se apenas com o insucesso escolar, mas rapidamente se percebeu a origem do seu insucesso – Y precisava de alguém que se preocupasse e o encorajasse a atingir os seus objetivos. Depressa se revelou que esta necessidade advinha, em parte, da situação desfavorável que o jovem enfrentava na escola, vítima de um grupo de cinco rapazes; isto passou-se no ano letivo correspondente ao primeiro sétimo ano do jovem, sendo todos os agressores do mesmo ano e da mesma idade (doze anos) que ele, à exceção de um, que tinha perto de quinze anos.

As agressões ao estudante prolongaram-se praticamente pelo ano letivo completo, surgindo logo no primeiro período escolar e de forma natural, sem que algo em particular marcasse o seu início. Estamos perante um caso de violência psicológica, onde Y ouvia constantemente, tanto nas aulas, como nos intervalos, comentários como “anão”, “devias estar no primeiro ano”, entre outros depreciativos da reduzida altura para a sua idade; ou seja, Y era gozado por ser pequeno em relação aos colegas. Nunca aconteceu fora da escola porque ele se dirigia ao transporte escolar, mas os comentários acabaram por ganhar terreno, estendendo-se a praticamente toda a comunidade escolar, embora com isso fossem perdendo o carácter depreciativo. Y é, de facto, muito baixo, mas não sabe ainda se devido a uma condição médica, pois adia sempre a realização de exames. Mas reconhece-o e sabe que essa é a única causa para que gozem com ele.

Por norma, garante que não respondia ao grupo que o provocava e tentava humilhar, mas disse-lhes, uma vez, que um dia ainda ia ser maior que eles e “passar-lhes a perna”. Sobre estes rapazes, Y diz que simplesmente “achavam-se melhor que todos”.

Com a inocência genuína de quem aceita o destino porque assim tem de ser, Y diz que se sentia triste com os comentários a que estava sujeito diariamente, mas que tinha a esperança de que “ainda podia crescer mais, ser mais alto do que eles”. Desabafava com a mãe, que o acalmava e o aconselhava a pedir a ajuda de alguma funcionária da escola. Acabou por contar tudo à diretora de turma, que atenuou a situação, reunindo todos os envolvidos para conversar.

Entretanto, todos os elementos do grupo de agressores transitaram para o ano

seguinte, deixando Y “sozinho”, o que, de certa forma, ditou o término da situação, pois já nem falam com ele, mesmo quando se cruzam nos intervalos.

Esta ano, um grupo mais pequeno, de aproximadamente três elementos, começou por implicar com o rapaz pelo mesmo motivo, passando depois a chamá-lo de “*homo sapiens*” e “*australopithecus*”, o que parou de forma breve, dada a ação conjunta do Serviço de Psicologia e da diretora de turma de Y.

Z – “Agora sou livre!”

Falemos agora de Z, uma rapariga de quinze anos que frequenta o 9.º ano de escolaridade com alto rendimento a nível de resultados avaliativos. O início da sua história leva-nos ao mês de julho de 2015, altura em que a jovem começou a fazer amizades fora da sua área de residência, o que gerou grande revolta e ciúmes nos colegas da mesma idade da sua área, muitos dos quais já não simpatizavam anteriormente com os novos amigos de Z. O início da narrativa dela é, então, oficialmente marcado por um estalo, dado por um rapaz da mesma idade (na altura, treze anos), um de entre o grupo de dez pessoas, rapazes e raparigas, com idades entre os treze e os catorze anos (correspondente aos 7.º e 8.º anos). Z identifica uma rapariga como líder do grupo, mobilizando todos os outros elementos para as diferentes agressões, mas nunca participando nelas diretamente.

As agressões passaram a ter lugar, não só no exterior da escola, mas também no seu interior, com o início do ano letivo. Z começava, assim, o seu 8.º ano sujeita a pontapés (também à sua mochila), a comentários depreciativos, provocadores e a ameaças. Também lhe tiravam os resumos antes dos testes e deitavam-nos ao lixo, para tentar prejudicar as suas avaliações. Excluíram-na dos grupos nos intervalos, sucessivamente, proibindo outros colegas de falar com ela. Gozavam-na, até, por ir à missa.

Chegou a contar o sucedido aos seus novos amigos, mas “eles iam falar com os *bullies* e no dia a seguir era pior”; mas era esse grupo de amigos, com quem falava, que a ajudava, confortando-a e ajudando-a a suportar a situação.

A jovem entendia porque lhe faziam o que faziam – sabia que sentiam ciúmes e que havia uma rivalidade entre os grupos envolvidos. Nunca lhe disseram diretamente porque a chateavam porque, segundo ela, “nem tinham consciência, mas diziam

indiretamente”; para além disso, “também tinham inveja dos meus resultados escolares”. Z caracteriza-se como tímida, apesar de sociável, insegura e inteligente, sendo essas as características que fizeram dela uma vítima.

Contudo, a visão clara daquilo que estava por trás de toda a situação não a impedia de sentir revoltada e injustiçada, “com vontade de fugir de tudo o que há cá... porquê a mim?”, recorda, dizendo que se sentia, de facto, infeliz.

Um dia a situação piorou. Chegaram-lhe às mãos *print screens* de fotografia suas, retiradas das redes sociais, editadas de modo pejorativo; essas edições, a par de comentários ofensivos relativos à sua pessoa, andavam a ser partilhadas em diversos grupos e conversas de grupo em redes sociais. Eram também criadas conversas de grupo às quais era adicionada, para falar mal dela na sua presença. Surpreendida com alguns dos intervenientes nesses grupos, partilhou a situação com a irmã mais velha, que por sua vez partilhou com a mãe, que decidiu ir à escola denunciar a situação à diretora de turma, pois muito do que acontecia passava-se na escola e, por vezes, dentro da própria sala de aula. Isto foi em março de 2016.

A grande maioria dos agressores eram “filhos de professores e queriam ser os mais populares e importantes da escola”. Talvez pelo facto de serem filhos de colegas seus, a diretora de turma hesitou em acreditar, mas acabou por chamar os dois rapazes responsáveis pela partilha das fotografias na *internet*. Foi esses que Z acusou, sem nunca querer denunciar o restante grupo por medo da rapariga que o “comandava” (e que, pelo que Z sabe, já tinha atormentado mais pessoas na escola). O encontro dos rapazes com a diretora de turma e a mãe de Z terminou, aparentemente, com a situação, mas a jovem diz que sabe que eles continuam a gozar consigo, embora em segredo, apenas entre eles.

Para concluir a conversa, diz: “agora sou livre”. No entanto, garante que o assunto não está completamente esquecido, até porque alguns dos elementos do grupo agressor, sobretudo a considerada líder, já agrediram amigos seus, admitindo que como vingança por já não lhe poder fazer nada a ela.

A e B são irmãs a frequentar a mesma turma do nono ano de escolaridade. Assim, a apresentação das suas histórias enquanto histórias separadas permitir-nos-á absorver duas perspetivas dos mesmos acontecimentos (embora não difiram muito uma da outra).

Antes de as apresentar, convém apenas anotar que, por se tratar de uma situação relativamente recente, A e B ofereceram muita resistência quanto à sua participação, impondo a condição de não responder às questões direta e oralmente, mas sim por escrito e individualmente. Este pedido foi acedido dada a necessidade e dificuldade de encontrar participantes no local em causa, bem como em função da curiosidade de obter duas versões da mesma história.

A – “Agora encaro-os!”

A admite ter sido vítima de *bullying* por parte de todos os elementos da turma e até por outros que não da turma, mas da mesma escola. Os agressores teriam entre catorze a quinze anos, frequentando os nono e décimo anos. Não se recorda de algum acontecimento que tenha marcado claramente o início desta situação, mas sabe que se iniciou aquando da sua frequência do sétimo ano, arrastando-se até ao início do presente ano letivo. Também nunca lhe disseram porque a chateavam, embora ela desconfie que tenha a ver com a sua baixa condição económica, acrescentando que ela e o grupo de amigas sempre tinham sido deixadas de parte.

As agressões ocorreram sempre no espaço escolar, consistindo em ofensas verbais e, em certas ocasiões, em encontrões. Perante isto, A apenas pedia que parassem, pois sentia-se mal. A jovem pensa que foi vítima deste grupo de pessoas por os seus elementos serem “imaturas e querer ganhar fama”.

Quando já considerava a situação insustentável, decidiu contar tudo a alguns dos seus professores, após conversar com as amigas que estavam a passar pelo mesmo. Por agora, diz que tudo já terminou, embora, por vezes, exista algum tipo de gozo, mas, afirma corajosa, “agora encaro-os!”.

B – “Às vezes doía...”

B também começa por dizer que era vítima de um grupo grande de pessoas, rapazes e raparigas, dos catorze aos dezasseis anos, não só na escola, mas também na rua (“se me vissem, chamavam nomes”). Na escola, batiam-lhe, por vezes provocando dores, e tratavam-na mal, por exemplo, chamando-lhe nomes desagradáveis. Diz que algumas

vezes respondia, “mas nada que pudesse magoar as pessoas”, responde, sem especificar.

Nunca lhe disseram e não aponta motivos para que se tivesse tornado alvo deste grupo de agressores, da mesma forma que não encontra características que a possam tornar vulnerável face a agressões de terceiros. Já quanto aos seus agressores, descreve-os como arrogantes e ignorantes.

Por se sentir muito mal com tudo o que passava, chegou a desabafar com alguns amigos, mas pediu sempre segredo.

Tal como a irmã, diz que tudo começou no sétimo ano de escolaridade, porque algumas pessoas não simpatizavam com ela, outras nem sequer a conheciam; no entanto, ao contrário da irmã diz que a situação ainda perdura, mas que agora não é tão dolorosa como anteriormente. Acrescenta que não pensa fazer nada em relação a este assunto, pois já consegue lidar com ele.

Análise e discussão dos resultados

Recolhidos os testemunhos, resta agora compará-los com a informação que a literatura existente e os estudos realizados nos fornecem.

À partida, poderia pensar-se que todos eles diferem na sua natureza, todos parecem ter causas diferentes e vítimas com características distintas, mas a verdade é que acabam por ser muito semelhantes entre si.

Podemos começar por identificar os tipos de *bullying* presentes nas narrativas.

Falamos de *bullying* físico em todas os casos, exceto no de Y; temo-lo presente em X e Z, nomeadamente através de empurrões e ameaças e em A e B com agressões físicas (Freire, Simão, & Ferreira, 2006; Matos & Gonçalves, 2009). Na classificação de Lopes Neto (2005), estaríamos aqui a falar de *bullying* direto.

O caso de Y introduz uma outra forma de agressão – o *bullying* psicológico; este manifestou-se, neste caso em particular, sob a forma de comentários depreciativos e, no caso de A e B através de ofensas verbais (Matos & Gonçalves, 2009). Também Z sofreu este tipo de *bullying*, na forma de exclusão social (Freire, Simão, & Ferreira, 2006).

A narrativa de Z torna-se bastante completa ao englobar diversos tipos de *bullying*; podemos ainda dizer que a jovem sofreu de *bullying* indireto (exclusão de grupos de pares), direto (no que concerne às agressões de carácter físico) e de *cyberbullying*, quando viu as suas fotografias editadas de forma pejorativa, partilhadas por mensagem e

em grupos em redes sociais (Lopes Neto, 2005).

Um aspeto comum a todos os testemunhos é o facto de existir sempre um grupo de agressores e não apenas um agressor. No caso dos dois rapazes, temos grupos constituídos por *bullies* do mesmo género da vítima, mas no caso das três raparigas, os grupos de agressores são mistos. Isto deixa as vítimas em clara minoria, acrescentando o facto de X se encontrar também em minoria no que respeita a tamanho e força e deixando Y na mesma situação devido à sua estatura. Nos casos de Z, A e B, no grupo de agressores encontravam-se também elementos mais velhos (Lopes Neto, 2005; Matos & Gonçalves, 2009)

Ainda relativamente aos agressores, podemos igualmente constatar que todas as vítimas inquiridas referem a vontade dos *bullies* de aumentar ou afirmar a sua popularidade (Lopes Neto, 2005), apontando-lhes outras características, como reconhecida autoridade por parte dos outros (no caso, derivado do estatuto dos pais), imaturidade, arrogância, ciúmes de relações interpessoais e também dos resultados escolares conseguidos.

As vítimas parecem reconhecer em si próprias algumas características que possam levá-las a sofrer nas mãos de terceiros. Z, por exemplo, assume a sua timidez e insegurança como fatores facilitadores; Y reconhece a estatura como motivo para que os outros o diminuam (Matos & Gonçalves, 2009); A aponta o baixo nível socioeconómico e X mais não adianta que o facto de ser “certinho (...) bem comportado”. No caso deste último, podemos realçar a semelhança ao caso analisado por Carneiro e Figueiredo (2012), onde só quando não podia mais suportar a situação decidiu contar aos pais. E no caso referido, como nos que aqui são apresentados, encontramos também agressões físicas e verbais, praticadas por um grupo de pessoas, de forma a deixar a vítima em minoria em termos de número.

Quanto à causa, podemos rever os casos aqui presentes no que nos mostram os dados existentes, na medida em que parece nunca haver uma causa/justificação lógica, um motivo aparente, para o início das agressões.

Embora tenha sido referido nesta dissertação que o género masculino se encontra mais associado ou envolvido a comportamentos de *bullying*, não podem ser retiradas conclusões nesse sentido relativas à amostra recolhida para a realização da presente análise, dado que esta é uma amostra relativamente restrita e não aleatória, ou seja, os

resultados e constatações que dela derivem poderão não estar aptos para uma generalização a toda a comunidade escolar. Contudo, podemos, de facto, constatar que, nestes casos em concreto, os tipos mais frequentes de agressão consistem em insultos, exclusão do grupo de pares (Matos & Gonçalves, 2009), agressões físicas e ameaças (Freire et al., 2006). Para além disso, podemos também retirar que associado à violência física está o género masculino (tome-se como exemplo o caso de X, onde esse aspeto é mais saliente) e associado à violência psicológica, o género feminino, mesmo quando é um grupo a constituir o agressor; podemos ilustrar esta afirmação com o caso de Z, que mencionou uma rapariga como líder do grupo de agressores. Apesar de não participar em qualquer agressão visível, a rapariga tratava de garantir a exclusão de Z dos vários grupos nos intervalos e de incentivar o restante grupo a continuar as agressões, alargando os alvos ao grupo de pares em que Z se encontra inserida.

Conclusão

A interação com o grupo de pares pode ditar a qualidade das competências sociais do indivíduo, sendo que relações interpessoais positivas melhoram e/ou promovem as mesmas. Estas relações e o desenvolvimento académico encontram-se diretamente relacionadas (Lopes Neto, 2005), pelo que se revela fundamental serem saudáveis e positivas.

A diminuição da ocorrência de situações de *bullying* (sobretudo) em ambiente escolar acaba por ser uma medida de promoção da saúde pública (Lopes Neto, 2005), daí a importância de averiguar os fatores de risco neste tipo de situação, de forma a desenvolver medidas e programas de intervenção neste contexto.

Sebastião et al. (2003), numa perspetiva sociológica, defendem que, em Portugal, o conceito de violência é muito subjetivo, deixando espaço para que certas situações sejam vistas como violência, quando, na realidade, não devem ser vistas como tal. Os autores sublinharam, contudo, alguns aspetos recorrentes, nas investigações em Portugal, associados à violência nas escolas, sendo eles o poder e a indisciplina, o que está em conformidade com o que a revisão de literatura aqui realizada permite concluir.

Não devemos esquecer que a amostra recolhida para esta investigação é muito limitada e, embora de acordo com o que encontramos noutras revisões e noutros

estudos, não pode deixar de ser vista como tal.

Revela-se necessário o desenvolvimento de mais estudos como este na zona em questão, de forma a tornar possível a comparação entre os dados dos variados estabelecimentos de ensino; com efeito, seriam bem vindas mais análises qualitativas a juntar a esta, para que se pudesse apostar mais na prevenção, ao invés de nos focarmos apenas naquilo que já sucedeu e do que daí podemos retirar. Seria também de interesse continuar este trabalho na escola em causa, num formato de estudo longitudinal, que permitisse recolher os pontos de vista dos alunos sobre esta temática e a evolução de mentalidades e ocorrência de casos de *bullying*, o que permitiria, a longo prazo, a produção de programas educativos adequados à população em que seriam aplicados.

Referências Bibliográficas

- Abrunhosa, M. A., & Leitão, M. (1980). *Introdução à psicologia*. Edições ASA.
- António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D., & Moleiro, C. (2012). Bullying homofóbico no contexto escolar português. *Psicologia*, 26 (1), 17-32.
- APAV (2013). *Foste Vítima?*. Consultado em 2 de novembro de 2016 em: <https://www.apavparajovens.pt/pt/go/o-que-e2>
- Cardoso, L. B. F., Graça, L. C. C., & Amorim, M. I. S. P. L. (2015). Sentido de coerência interna, qualidade de vida e bullying em adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 16 (3), 345-358.
- Carneiro, D., & Figueiredo, A. (2012). “Recuso-me a ir para aquela escola” – um caso clínico de bullying. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 28 (4), 295 – -303.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. G. (2002). Bullying – a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica* (4), 571-585.
- Gabinete de Documentação e Direito Comparado (2001). *Declaração dos Direitos da Criança*. Consultado em 26 de outubro de 2016 em: http://direitoshumanos.gddc.pt/3_3/IIIPAG3_3_13.htm
- Gabinete de Documentação e Direito Comparado (2001). *Declaração Universal dos Direitos do Homem*. Consultado em 26 de outubro de 2016 em: http://direitoshumanos.gddc.pt/3_1/IIIPAG3_1_3.htm

- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 164-172.
- Matos, M. G., & Gonçalves, S. M. P. (2009). Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (1), 3-15.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. (2001). *O mundo da criança* (pp. 589-604). McGraw-Hill
- Relvas, A., P. (1996). *O ciclo vital da família. Perspetiva sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Sebastião, J., Alves, M. G., & Campos, J. (2003). Violência na escola: das políticas aos quotidianos. *Sociologia, Problemas e Práticas* (41), 37-62.

Anexos

Anexo 1 – Pedido de Colaboração

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Caríssimo Encarregado de Educação,

encontro-me a frequentar o 5.º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, mais concretamente o mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento. Para concluir este último ano é necessária a realização de um estágio curricular (que decorrerá, durante o presente ano letivo, na [REDACTED]), bem como de uma dissertação/tese de mestrado.

É, então, no âmbito da minha tese de mestrado que solicito a colaboração dos alunos do 3.º ciclo. O tema da dissertação recai sobre situações de bullying (gozo, humilhação, agressões físicas e/ou verbais, ...) em contexto escolar e pretende-se recolher uma amostra de alunos do 3.º ciclo de escolaridade que aceitem dar o seu testemunho ou perceção sobre o tema em causa.

Todas as informações serão obtidas em contexto de entrevista individual e é garantido o anonimato destas informações, assim como da identidade dos participantes.

A participação é, naturalmente, facultativa e carece da autorização do Encarregado de Educação dos possíveis interessados.

Agradecendo desde já a atenção disponibilizada,

Adriana Cerqueira

Adriana Cerqueira

(Estagiária no Serviço de Psicologia e Orientação da [REDACTED])

Eu, [REDACTED], como Encarregado de Educação do aluno [REDACTED], tomei conhecimento do projeto a desenvolver pela discente da Universidade de Coimbra (e estagiária na área da Psicologia na [REDACTED]) e autorizo o meu educando a participar no mesmo.

O(A) Encarregado(a) de Educação

[REDACTED]

Anexo 2 – Pedido de Colaboração

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Caríssimo Encarregado de Educação,

encontro-me a frequentar o 5.º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, mais concretamente o mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento. Para concluir este último ano é necessária a realização de um estágio curricular (que decorrerá, durante o presente ano letivo, na I [REDACTED] [REDACTED]), bem como de uma dissertação/tese de mestrado.

É, então, no âmbito da minha tese de mestrado que solicito a colaboração dos alunos do 3.º ciclo. O tema da dissertação recai sobre situações de bullying (gozo, humilhação, agressões físicas e/ou verbais, ...) em contexto escolar e pretende-se recolher uma amostra de alunos do 3.º ciclo de escolaridade que aceitem dar o seu testemunho ou perceção sobre o tema em causa.

Todas as informações serão obtidas em contexto de entrevista individual e é garantido o anonimato destas informações, assim como da identidade dos participantes.

A participação é, naturalmente, facultativa e carece da autorização do Encarregado de Educação dos possíveis interessados.

Agradecendo desde já a atenção disponibilizada,

Adriana Cerqueira

Adriana Cerqueira

(Estagiária no Serviço de Psicologia e Orientação da [REDACTED])

Eu, [REDACTED], como Encarregado de Educação do aluno [REDACTED], tomei conhecimento do projeto a desenvolver pela discente da Universidade de Coimbra (e estagiária na área da Psicologia na [REDACTED]) e autorizo o meu educando a participar no mesmo.

O(A) Encarregado(a) de Educação

[REDACTED]

Anexo 3 – Pedido de Colaboração

PEDIDO DE COLABORAÇÃO

Caríssimo Encarregado de Educação,

encontro-me a frequentar o 5.º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, mais concretamente o mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento. Para concluir este último ano é necessária a realização de um estágio curricular (que decorrerá, durante o presente ano letivo, na [REDACTED]), bem como de uma dissertação/tese de mestrado.

É, então, no âmbito da minha tese de mestrado que solicito a colaboração dos alunos do 3.º ciclo. O tema da dissertação recai sobre situações de bullying (gozo, humilhação, agressões físicas e/ou verbais, ...) em contexto escolar e pretende-se recolher uma amostra de alunos do 3.º ciclo de escolaridade que aceitem dar o seu testemunho ou perceção sobre o tema em causa.

Todas as informações serão obtidas em contexto de entrevista individual e é garantido o anonimato destas informações, assim como da identidade dos participantes.

A participação é, naturalmente, facultativa e carece da autorização do Encarregado de Educação dos possíveis interessados.

Agradecendo desde já a atenção disponibilizada,



Adriana Cerqueira

(Estagiária no Serviço de Psicologia e Orientação da [REDACTED])

Eu, [REDACTED], como Encarregado de Educação do aluno [REDACTED], tomei conhecimento do projeto a desenvolver pela discente da Universidade de Coimbra (e estagiária na área da Psicologia na [REDACTED]) e autorizo o meu educando a participar no mesmo.

O(A) Encarregado(a) de Educação



Anexo 4 – Pedido de Colaboração

Eu, _____, como Encarregado de Educação do aluno _____, tomei conhecimento do projeto a desenvolver pela discente da Universidade de Coimbra (e estagiária na área da Psicologia na F _____) e autorizo o meu educando a participar no mesmo.

O(A) Encarregado(a) de Educação

Anexo 5 – Pedido de Colaboração

Eu, _____, como Encarregado de Educação do aluno _____, tomei conhecimento do projeto a desenvolver pela discente da Universidade de Coimbra (e estagiária na área da Psicologia na F _____) e autorizo o meu educando a participar no mesmo.

O(A) Encarregado(a) de Educação

Anexo 6 – Guião entrevista semiestruturada

“Entrevista Bullying”

Identificação: _____ Género: _____ Idade: ____ Ano escolar: _____

1. Foste vítima de bullying, de gozo ou pressão por parte de outros colegas? Quantas pessoas te chateavam? Era só uma, era um grupo...?
2. O bully/agressor era de que género: feminino ou masculino? Quantos anos tinha e/ou em que ano de escolaridade se encontrava?
3. Durante quanto tempo se arrastou essa situação (de quando a quando)? Houve algum acontecimento “especial” a marcar esse início, ou seja, começou por alguma razão em especial?
4. E o que te fazia(m) ou dizia(m)?
5. Onde (/em que espaço) ocorriam essas situações?
6. Alguma vez respondeste? O que fizeste ou disseste como resposta?
7. Alguma vez te disse (/disseram) porque é que te fazia(m) isso?
8. E tu, porque achas que o fazia(m)?
9. Achas que há alguma coisa em ti que faça de ti uma vítima fácil para os outros?
10. Que características dirias que ele(s) tem (/têm) que o(s) faça(m) incomodar os outros?

11. Como é que te sentias, ou o que sentias, quando te fazia(m) essas coisas? E como lidavas com isso?

12. Alguma vez disseste a alguém ou alguma vez pediste ajuda? Ou contaste mas pediste segredo?

13. Essa situação já terminou, ou persiste? Se já terminou, o que fizeste para acabar com ela? Se não terminou, estás a pensar fazer alguma coisa, já estás a fazer, ou precisas de ajuda?